



A Arcádia

Órgão de história – Publicação Mensal
historiaesperancense@gmail.com



ANO II Quarta, 09 de novembro de 2016 N°16

Esperança tem novo padre!

Em carta-circular o Bispo Diocesano de Campina Grande, Dom Frei Manoel Delson Pedreira da Cruz, OFM Cap, anuncia transferências e criação de novas paróquias na abrangência de seu episcopado.

Nesse aspecto, após convocar os Conselhos Episcopal e Presbiterial, ambos de caráter consultivo, e realizada a oração antes de tomar qualquer decisão, a exemplo do Mestre Jesus, Dom Delson decidiu apresentar as mudanças, dentre elas, a transferência do Padre Romualdo Vieira para a Paróquia de São Cristóvão, no bairro do Centenário, em Campina Grande.

Quanto aos destinos da Paróquia do Bom Conselho, deste Município de Esperança, doravante ficarão a cargo do Padre João Paulo Souto Victor.



O Padre João Paulo antes estava responsável pela Paróquia de Massaranduba. Os fiéis desta terra de Banabuyé, e de Boa Esperança, desejam as boas-vindas ao novo pároco, força para enfrentar as dificuldades, e muita luz nesta caminhada.

A Paróquia de Esperança conta atualmente com o pré-seminário, a cargo do Padre Daniel Linhares, e o vigário João de Deus Lira, que exerce o seu ministério em sua terra natal.

SILVINO OLAVO COMENTA A “BAGACEIRA”,

Sob o título “O romance do Nordeste”, Silvino Olavo inicia seu comentário sobre o livro “A Bagaceira”, obra prima do paraibano José Américo de Almeida. Ele foi um dos primeiros a receber o monumental livro e “*talvez, o primeiro a proclama-lo entre os amigos um dos maiores romances brasileiros, senão o maior*”, escreveu.

Por questões outras, não havia até então escrito nada a respeito. Mas sem nenhum embargo proclama a engenhosa escrita de José Américo de Almeida como sendo uma obra de ineditismo sem igual, considerando que “*seu livro é um verdadeiro **sursum corda** no modernismo literário brasileiro*”. E que o seu sucesso se deve ao inovador processo aplicado. Distanciando-se do preconceito que sopesa sobre os nordestinos.

Na sua opinião, “*'A Bagaceira' é obra sem modelo no nosso país. Sua forma estará sempre presente a seu próprio espírito. E dele não se separará jamais*”.

Compara-a ao “O Estrangeiro”, de Plínio Salgado e sugere ser o livro mais impressionante do Brasil depois dos “Sertões”, de Euclides da Cunha.

E faz uma extensa defesa do homem nordestino, de suas raízes e de seu substrato cultural. Homenageia o modo peculiar de sua linguagem, tão acentuada na obra de José Américo de Almeida, necessária a própria identidade do Brasil enquanto se distancia de seu descobridor.

“A própria linguagem, um produto genuíno do clima e do solo, é a linguagem da raça que começou a falar. Como são

saborosos os tons de mesíagem dessa língua! Que admirável condensação de pitoresco! Que riqueza de incrustações maravilhosas à velha língua dos nossos pais portugueses!”, escreve.

E trata que o seu autor escreve as experiências vividas na infância. Que certamente serviram de suporte ao seu romance. Fala das locações, dos lugares e seus personagens. E compara-o a Eça de Queiroz.

Com relação a personagem Lúcio, no seu conceito, “*simboliza espírito de civilização entrando no Nordeste*”, enquanto que Marzagão “*é a vida do nosso povo rural*”. E conclui que um é o futuro e outro o passado.

Já Soledade, a beleza que se renova nas águas e chama para si todas as atenções. É, na verdade, “*a figura impressionante por excelência, de vida mais intensa nesse romance*”. Mas a ela se lhe reserva um outro papel de significação mais profunda e dramática: “*os azares do exodo sertanejo*”. E finaliza: “*E eu não preciso explicar para o homem do Nordeste o que seja esse drama de que ele é próprio protagonista*”.

O que nos chama a atenção foi o modo como Silvino defende o meio e os modos pelos quais vivem os seus protagonistas, próprios de uma gente que tem raça e força. Força essa que o distingue dos demais e mesmo a ciclovina das secas não o abate. Ao contrário... Lhe dá ânimo e sentido de viver!

O ESPORTE EM ESPERANÇA: UMA BREVE HISTÓRIA

O Brasil é o país do futebol e em Esperança não poderia ser diferente. Este esporte há muito tempo tem se destacado na cidade. São inúmeros os campos de peladas, peladeiros e atletas de fim de semana, todos ávidos em marcar um gol.

As primeiras notícias desta modalidade esportiva datam de 1919. Segundo uma versão, nesse ano teria surgido o primeiro time de futebol local, o “Epitácio Pessoa”, dirigido por Manoel Cavalcante de Melo (Yoyo de Biluca).

E a primeira equipe organizada foi o Vera Cruz, de Basto de Tino e João Galdino, no ano de 1925.

Mas a cidade registra na sua história outras práticas desportivas. Francisco Cláudio [1] relata que ***“nem só de futebol vivia Esperança. Praticava-se também outros esportes, como voleibol, atlestimos, tenis de mesa, jogava-se muita 'dama' e peteca”*** (p. 143).

No volei masculino tínhamos Zé Lacerda, João Costa e Manoel Batista, esse descrito como o “melhor cortador de Esperança”. E no feminino, Salete Ataíde, Lêla e Cornélia Diniz.

Muitos outros praticantes participavam também do futebol, integrando as equipes locais e se revezavam no volei, a exemplo de Biu Porto, Mafia e o próprio Chico de Pitíu.

No atletismo Pedro de Pedrão e Mesquíades eram grandes adversários nas corridas de resistência, além de Rulipa e Inácio Piranji, vencedores da

“Corrida da Fogueira”. E os jovens corredores João Batista Araújo e Marcelino Araújo, que juntamente com outros estudantes formaram a CORBEP e corriam pelas cores de Esperança em toda a região.

O tenis de mesa era representado por Dr. Evandro do SESP e Janduí, craques da raquete do antigo “Esperança Clube”.

De 1938 a 1958 tivemos grandes jogadores de Damas, figuras ilustres que muito contribuíram para a emancipação do município e seu engrandecimento, como Manuel Rodrigues, Teotônio Rocha, Zé Calor, Inácio Rodrigues e seu Lita. E num passado mais recente: Chico de Pitíu, Vicente Simão, Paulo Coêlho, Nascimento e seu Cassimiro. E da década de 70/80, o popular “Luizão do Posto”.

O jogo de peteca fez parte da nossa história em 1937, na Rua de Areia e Praça Dom Adauto, nas pessoas de João Preto, Feição de Jumento e João Flandileiro.

As corridas de cavalo eram organizadas por Alfredo Régis e aconteciam na Rua do Prado (atual Rua da Cadeia).

Nas artes marciais temos o professor Evenilson Costa de Oliveira, faixa preta 1º Dan. E o professor professor Manuel Freire da Rocha, premiado em diversas competições e muito respeitado no Karatê.

Inéditos de um poeta "louco"...

DE UM POEMA PUBLICADO N'A ERA NOVA, A CRÔNICA SOCIAL DA CAPITAL

(...)

Disse-me um: - seu andar é de uma ave ferida... -

E o outro o nariz franzindo, indiferente:

- Ora! dessas há tantas pela vida... -

E eu respondi-lhes: Ouçam-me! eu seria...

Embora sendo, como sou, um poeta e um pária;

Seria o mais feliz de vocês todos, se ela... -

Calei-me.

.....

.....

...Se ela tivesse coração...

(...), Parahyba, maio de 1925

DE "O MUNDO LITERÁRIO" EDIÇÃO MODERNISTA DE 1922

"Há um tumulto no mundo.

Arde um rescaldo de ambições espúrias no Mundo.

Brasa, cinza e fumaça -

e o homem moderno passa

como o albatroz atravessando as fúrias!

O homem moderno passa sobre o mundo com obsessão de todas as vitórias [...]"

DA COLUNA "MUSA FÚTIL" (1929)

"Ah! Só ela não passa... As outras passam rindo;

Hilda Netto, Dulce Aragão, Laudicéa,

Lourdes Borges, Nevinha Oliveira -

Phrinéia...

Ivete Stukert, Hilda Seixas... Povo lindo!

Branca Siqueira, Odete Gaudêncio,

Flaviana Oris,

Bulhões, Renato Azevedo, Juvêncio Lyra, Humberto Pacote, o maestro Bayard, Ida Luna, Peryllo ô, ô, ô que zuada!

Silêncio! Anayde Beiriz!!! Puxa que falta de ar! Analice, Nautília, Elísia, Onélia Lins...

Paraíba - Cidade dos jardins.

Quanta gente sem juízo!

Se isto é inferno ninguém neste inferno se salva.

As vezes penso que isto aqui é um paraíso

E não é bago... Adeus Geny, você já vai? "

O INSETO QUE LEVA O VENENO DAS PESTES AO CÁLICE DAS ROSAS PURAS

Minhas amigas! Há uns tantos

Que vêem um sentido mau nos versos lindos

Que eu vos desfolho como os Gregos desfolham acantos

Sobre a cabeça das suas virgens.

Esses que dizem que os meus versos empana

Voss'alma de crystal, Virgem Parahybana;

- Virgens que eu corôo de rosas e de versos!

Esses que vêem, em chamas sempre acesas,

No vosso altar de Vesta o meu culto pagão,

Certo já vos levaram ao ouvido

Que há nos meus versos outro sentido

Que não seja o de tapizar-vos o chão

Que pisardes, de rosas, como se fôreis

princesas...

Ora! Mas esses são criaturas

Tão abjetas como aqueles insetos

Que levam o veneno das pestes

Ao cálice das rosas puras...

j.r. - s.o